



# A CIGARRA

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) . . . . .	480000
QUINZE MESES (até ao fim deste anno) . . . . .	320000
SEMESTRE (26 numeros) . . . . .	250000
NUMERO AVULSO . . . . .	10000
SUPPLEMENTO . . . . .	5000
NUMEROS ATRAZADOS . . . . .	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . .	10000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Direcção de *José Barbosa*

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 7 de Novembro de 1895

N. 27

## A CIGARRA

A empresa da *Cigarra* lembra aos srs. assignantes d'esta illustração que a 1 de Janeiro suspenderá todas as assignaturas que, terminando em 31 de Dezembro, até então não tiverem sido renovadas.



Para regularidade do serviço de administração da *Cigarra* pedimos aos nossos assignantes que conservem os recibos de assignatura e que quando tiverem de fazer reclamações, declarem o numero do recibo.



Toda a correspondencia de redacção deve ser dirigida a **PEDRO RABELLO**, director litterario, e todas as reclamações, pedidos de assignaturas, propostas de agencias nos Estados, e mais negocios relativos á gerencia da *Cigarra* devem ser tratados com **JOSÉ BARBOSA**, director-gerente.



(= O Sñ tenente J.C.C. de Araujo tem em sua casa um morcego ensinado que dá caça a quanto pernilongo lá apparece - Esta industria daria fortuna em certos pontos do Rio de Janeiro -) DA NOTICIA, de 5.



- Que horror! Encoideceste, Carlos?  
- A Arte é uma lèria - disse-o tev pae e, por acaso, disse bem!  
Vou inventar o morcego-correio para a distribuição de convites de enterro.



Sabbado — como se por dentro de mim todo subito se entornasse um largo frasco de tinta Sardinha — um apavorante negror profundo,

e amargo, todo se me derramou pela alma alegre... Dia de Finados! Ah! eu adoro a convenção; nesse ponto sou ainda mais convencido do que todos os convencionaes da Convenção do partido do meu amigo Glicerio. E porque lá estava na folhinha aquelle funebre 2, esguio e negro, assim, ao meio do calendario



porque elle lá estava, funebre como um esguio cysne vestido de crêpe, tomei de mim e disse:

— Pierrot, toca para o Cajú!



E atirei-me para um bond fechado e lugubre como um caixão. E o bond tinha uma taboleta com estas palavras negras — *Cajú, 200 réis*. E tinha um par de bestas negras, e tinha um cocheiro negro. E dentro d'elle toda a gente ia de negro, solemne e grave. Ah! — porque o não direi? — aquella tristeza toda, correram-me duas lagrymas. E encolhi-me, e fiquei encolhido e solemne no meu canto.

Mas um homem de negro disse assim:

— Diabo, lá me ficaram as empadas!

E um outro homem de negro disse para um terceiro homem, enluctado e sisudo:

— O' Campos, deixa cá ver a bebida!



A bebida, as empadas! Olhei em roda a ver se por alli não andaria o Manoel do Paschoal. E então, surprezo e pasmo, vi que de uma redonda caixa, dentre papeis finos e alvos e dentre arroxeadas flôres viúvas, uma bojuda garrafa negra sahiu. E a garrafa negra trazia um rotulo dourado, e o rotulo dizia — *Porto — Reserva — 1845*.

— Porto-Reserva! Porto de 45!

A garrafa passou de mão em mão, andou de bocca em bocca, e acariciada, e beijada, e meio-vasia voltou para a caixa redonda. E o homem de negro limpou os beiços, estalou a lingua, e murmurou:

— Que tambem é o que lhe vale ao dia!

E o visinho d'elle teve um suspiro e acabou em falsete:

— Ai a bella da pingota!



Eu estava encolhido no meu canto. Encolhi-me ainda mais, para que me não contaminasse aquella atmospheria de peccado e de vergonha. E fiquei ouvindo, envergonhado e suando. Parecia que á metade d'aquelle Porto-reserva o bond inteiro desatara a lingua, e todo elle, cocheiro, bestas e povo todo elle mandava ao diabo com um pontapé a gravidade de uma tão insupportavel e tão dolorosa commemoção de Defuntos.

Que lhes contarei eu — eu que o ouvia magoado e em soluços — que lhes posso contar do que se fez e do que se disse nos cincoenta minutos dessa viagem infernal? Não sei de *pic-nic* em que aquellas duas duzias de pessoas se divertissem tanto. Duas vezes a garrafa sahiu da caixa, e á terceira voou, vasia, pela janella do bond. E uma outra garrafa appareceu. E contavam-se casos, e fallava-se de romarias muito concorridas, mas que ficavam a perder de vista em confronto com aquella romaria de Finados. E o bond seguia, a galope, levando essas duas duzias de pessoas vestidas de negro, que traziam na mesma caixa grinaldas de saudades roxas e garrafas de Porto-Reserva de 1845.



Mas, nisto, a parelha do bond estacou, subito. E ao lado um enorme portão de ferro escancarava se, e para dentro d'elle, pelas infinitas aléas, por entre alvos tumulos e ramalhudos chorões, uma onda de povo se derramava, lugubre, mas buliçosa.

E o homem de negro tomou da caixa redonda, e disse:

— Vou ver a mulher... Coitada; já lá se vão sete annos!

E outro homem ponderou:

— Felizmente o senhor não a esquece...

— Ah! isso nunca. Olhe, todos os annos — e batia na caixa redonda — todos os annos cá lhe venho trazer isto...

E o visinho d'elle estalou a lingua e perguntou, n'um suspiro:

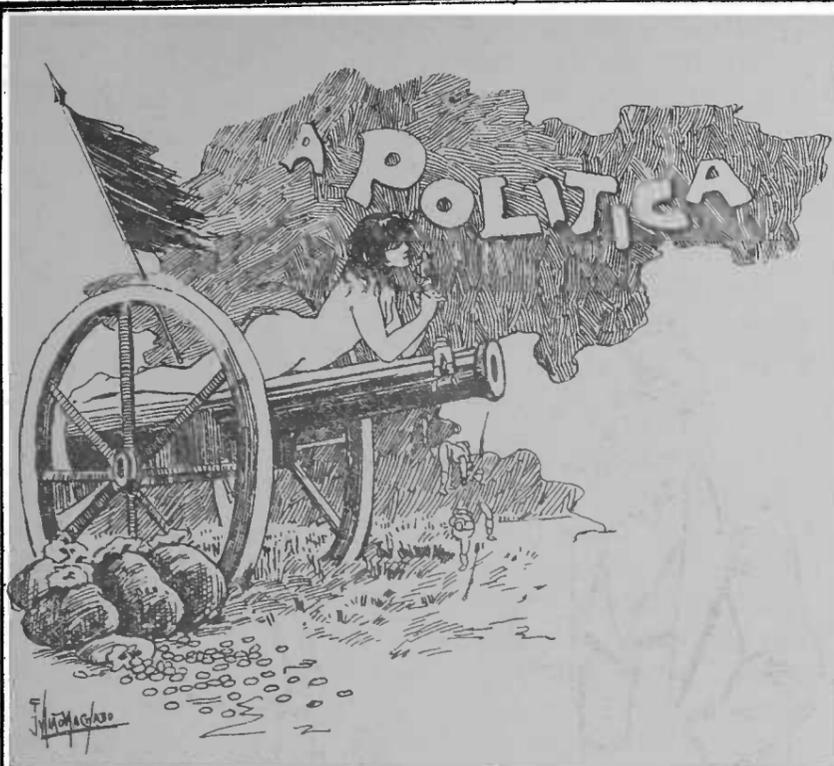
— E é sempre *Reserva* ou é *Villar*?

Pierrot.

Registramos n'este logar os nossos agradecimentos ao illustre sr. Tena, director do bellissimo semanario illustrado de Madrid, BLANCO Y NEGRO, pela delicadeza que teve para com a *Cigarra* enviando a esta sua collega, de tão longe, os numeros editados depois do recebimento da nossa primeira remessa.

Esplendida a festa de quinta-feira passada no Club Gynastico Portuguez.

A *Cigarra* agradece á amavel directoria d'esta benemerita associação a gentileza com que recebeu o seu representante.



Tambem eu estou informado de que a Trindade nos vae ser entregue. Já o terceiro juriconsulto da Corôa Inglesa lavrou— meditando e grave — o seu judicioso parecer. Esse parecer é importante, conciso, inglez. A Inglaterra não nos entrega a ilha á tôa, ella quer ser paga do seu trabalho, impõe condições. O publico vae por si mesmo julgar da elevada importancia desse documento. Isso lhe será tanto mais facil quanto o juriconsulto da Corôa, naturalmente para que, todos nós, botocudos, o lessemos redigiu a sua opinião n'um portuguez pittoresco, muito comprehensivel para nós.

X

Diz o juriconsulto de Sua Magestada Graciosa:

« Trindade estar ilhe vagabunde. Inglaterra prende ilhe vagabunde, dá occupação ella, bóte bandeira, bóte *Whisky*, bóte *Old-Tom*.

Brasil negue ilhe estar Inglaterra; Phipps negue Inglaterra estar ilhe. Final é tude estar Inglaterra, Brasil, Phipps, Trindade, Sir John Pender, cabe submarine.

Inglaterra ceder Trinity-Island... *Wery-well!* Brasil pague muito dinheirra, e Inglaterra cede ilhe, mas cabe submarine fique lá.

Brasil non deixe cabe, Inglaterra dá cabe Brasil.

Brasil estar devedor grite muito; Inglaterra goste dar dinheirra, non goste devedor amóle. Dues cousas juntas non goste; ou amóle, mas non leve dinheirra on leve dinheirra, mas non amóle.

Eu pense Trindade estar Brasil outro tempo; agora estar Inglaterra. Governo inglez entregue ilhe, Brasil pague indemnisação.

Non pague, non entregue; pague fiado, non entregue; pague papel, non entregue. Entregue pague ouro, libre esterline, ou dá pedaço de terre, ou dá estrada Central. »

E ahi está o que é o parecer do terceiro juriconsulto da Corôa. Como se vê, elle começa pelo historico da questão, reporta-se ás reclamações diplomaticas, allude á questão da *Submarine* de Sir John Pender, firma o direito da Inglaterra e conclue por fixar o modo da indemnisação.

Isso não é juridico! dir-se-ha. Póde ser. Mas se não é juridico, é, pelo menos, inglez.

Marcial.

## COLLABORAÇÃO FEMININA

Um imperioso dever de lealdade jornalística obriga-nos a inserir nesta mesma columna a carta que nos ouvia o Sr. Auguste Gourdin a proposito da que publicámos attribuida a *Une femme du Tout-le-monde*:

Cher Monsieur.

Je n'ai pas l'habitude de fourrer la langue dans ma poche quand quelque chose me déplaît.

Je viens donc vous dire carrément que vous avez fait une rude boulette en admettant dans votre journal la collaboration d'une femme.

D'abord de quoi voulez vous qu'elle parle, une femme?

De chiffons, de plumes, d'un tas d'objets dont malheureusement nous connaissons trop la... valeur!

Ensuite c'est un exemple déplorable pour toutes les bourgeois qui, ne pouvant figurer dans certains endroits chics, profitent d'un journal qui accepte leurs niaiseries, afin de devenir connues.

Et cette tuile est tombée chez-moi! A certaines expressions j'ai reconnu le style de ma légitime dans une lettre donnée à la *Cigarra*, signée Y.

Si c'était seulement ça! Mais ma femme a eu le toupet, pour dérouter mes soupçons, de se faire passer pour *une du tout-le-monde!* Que les femmes sont folles quand elles ont la manie de la célébrité!

Elle a même fait des calembourgs! Oh! la malheureuse!

Quand, en empoignant la *Cigarra* d'une main et de l'autre la menaçant, je lui ai dit tout d'un coup:

— Madame! c'est vous qui osez faire non des tartines, mais de sales croûtes pour les journaux!.....

Si vous aviez vu sa binette! nom d'un pétard! elle en était verte!

— Mais, mon petit lapin, mon cher Auguste, depuis que j'ai lu Mme. de Sevigné, l'envie d'écrire.....

— Me prends-tu pour une moule? Laisse Mme. Sevigné tranquille! Tu as voulu imiter la femme du grand monde....

— Eh bien, oui! Que c'est beau le journalisme, voir ses idées lues avidement par le public, être la boussole de l'*opinion publique!* La boussole de l'opinion publique! c'était fini! Elle était perdue! Une femme qui fait des phrases pareilles est flambée!

— Pas une ligne de plus, entendez-vous? Sinon.....

C'est alors qu'elle s'est plantée devant moi et m'a répondu:

— Des menaces! vous voulez m'empêcher de suivre ma vocation! Je m'en bats l'œil avec une patte de homard (!!) de vos défis! J'écrirai tous les jours si je le veux bien et j'irai moi-même porter les articles à ce beau garçon brun qui dessine la *Cigarra!* Monsieur! l'indépendance de la femme n'est pas un vain mot!.....

Et elle s'en est allée. Voila deux jours et deux nuits qu'elle s'enferme dans son cabinet de lecture sans me laisser approcher.

Ou je la laisse écrire ou elle suivra l'exemple de *Lysistrata*.

Elle écrira mais je viens protester contre la discorde, qu'involontairement (je le confesse) vous avez allumée dans mon ménage!

Auguste Gourdin.

# COMO SE PROCURA UMA CASA

3

Horas depois quando já o sol da deusa X encontra a casa e pede na venda da esquina a chave.  
— A chave da casa para alugar?  
Isso só em Catumby — rua...



Por motivos alheios á sua vontade X tem de mudar-se.  
Portanto apenas acorda atira-se ao *Jornal do Commercio*.

Dez minutos depois encontra! Aluga-se uma casa para familia, chacara, bond, chuveiro, *water closet*, galinheiro, gaz, bond á porta — Rio Comprido, Estrella etc.

2



X de volta de Catumby vê a casa, convem-lhe e torna a Catumby a saber o preço.  
— Para tratar só com o proprietario.

— Eonde mora esse circumspecto tarão?  
— Copacabana alem da igreja-jinha...

# O DIA DE FINADOS

"LES MORTS  
VONT VITE"

A FIGUEIREDO  
COIMBRA.



No dia de finados o Sr. Balbino  
vai ao jazigo da sua querida  
ex-esposa

Mas se o Sr. Balbino põe, Deus dispõe  
- Deus! como é parecida com a  
fallecida!

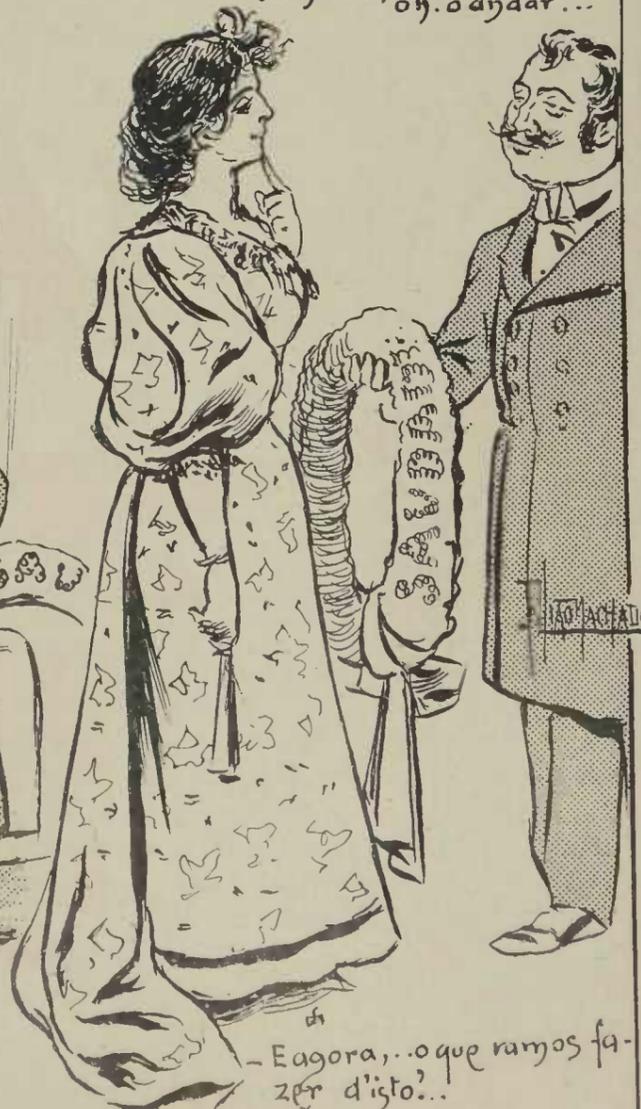
- o andar! oh! o andar!...



Um quarto d'ora depois  
o Sr. Balbino estoura a primei-  
ra declaração. (Ella sorri.)



- Uma palavrra! Uma palavrra a-  
Penas!... (Ella sorri sempre)



- E agora... o que vamos fa-  
zer d'isto?...

- Porquẽ não a mandas depôr no tumulo... de  
Pasteur?



A distincta actriz Pepa teve a gentileza de vir despedir-se da *Cigarra*, antes de partir para o seu retiro em Morro Pellado.

- Como? parte de vez?
- De vez!
- E abandona o theatro?
- Não por completo. Comprehende: não se gasta impunemente o melhor da nossa existencia, da nossa mocidade, dos nossos nervos...
- Dos nervos, principalmente! Entretanto se não tenciona abandonar completamente a scena, não percebo como vae de vez para o Pellado?
- Para o Morro Pellado?
- Perfeitamente.
- A coisa é simples: quando se tem o fogo sagrado não ha agua de poço por mais encantado que seja que o apague.
- E' precioso, esse trocadilho.
- Obrigada. Tenciono mesmo fundar no logar que escolhi para acabar tranquillamente os nossos dias..
- Os *nossos*, perdão...
- Os «nossos», eu bem sei o que digo — tenciono fazer construir um pequeno theatro, cousa catita onde representarei peças expressamente feitas para mim,— peças inteiramente modernas porque — com franqueza — estou farta de fazer o *Tim-tim*. De resto — aqui para nós,— eu sinto que a minha plastica vae-se avolumando...
- Oh! por traz, apenas...
- Por diante, tambem, senhor! Se não é cego...
- Perdão,— eu não quiz ser-lhe desagradavel... E já tem alguma peça em vista?
- Já,— tenho-a de um auctor que inda não debutou... E' descoberta minha. Inagurarei cam ella o theatro «Ripevapé»...
- Ripe?
- Vapa-a pa...
- Perdão!
- Acha complicado?
- Complicado... Emfim é engenhoso.
- Obrigada.
- E chama-se a peça?
- *Enfin seuls!*
- Posso contar que se lembrará de nós quando fizer a relação dos seus convidados?
- De certo! Mas só d'aqui a quatro mezes é que poderei cuidar de tudo isso a serio.— Por ora ando muito preocupada. Não calcula como é difficil encontrar uma ama de leite robusta.
- Uma ama de leite?!...
- Adeus,— Mande-me a *Cigarra* para o...
- Calvario?
- Seu mão!

Styl.

## NOSSAS COMMEMORAÇÕES

Já ahi vem o dia 15 — Quinze de Novembro, esse glorioso dia em que todo o exercito rutilante e todo o povo de uma cidade em revolta, berravam, doidos, na rua, aquelle espontaneo *Viva a Republica!* de que mais tarde se fez o *Sande e fraternidade* dos nossos telegrammas officiaes.

Oito dias apenas faltam para que a Nação o commemore. E eu vejo — ah! com que magua o digo! — eu vejo que nesse dia o que se vae fazer para a commemoração que elle merece, é unicamente mandar a tropa cahir de insolação pelas ruas, e embandeirar os edificios publicos, e ordenar aos navios e ás fortalezas que salvem, alternadamente, ás horas do nascer e pôr do sol.

\*.

E o sol desse Quinze de Novembro que ahi vem ha de nascer e morrer ouvindo as salvas com que ha sete annos o sauda um povo falto de engenho para commemoração melhor. E porventura, o sol dirá: — «Engraçado paiz este em que as datas que mais de perto o tocam valem tanto quanto as que foi pedir emprestadas, á França.» E o sol estará, pelo menos, de accordo commigo. E outros annos hão de vir e a Quinze de Novembro como a 14 de Julho os edificios publicos hastearão indifferentemente a bandeira saudada pelos canhões da Republica e injuriada mais tarde, no Amapá.

Tudo ficará nisso, mas que importa? Continuaremos sendo a primeira nação da America do Sul.

\*.

Povo de fantasistas, povo de imaginosos poetas, porque será que as nossas commemorações se limitam sempre áquella meia duzia de bandeiras tristonhas que se amarram ahi pelas saccadas, e ás luminarias nos estabelecimentos publicos, e á pulhice da illuminação na rua do Ouvidor?

Ah! o meu sonho para uma commemoração dessas! Por toda a parte luzes, milhares, dezenas de milhares de luzes, encarnadas, verdes, amarellas, azues, subindo pelas arvores, rodeando os lagos nos jardins, grimpendo pelas janellas; acima, desfraldadas ao vento, milhares de bandeiras errantes. Cahindo do alto, por sobre a multidão ullulante, o luar immaculado dos fòcos e'ectricos. E por toda a parte nas ruas, o estridor das fanfarras marciaes. E, as batalhas de flores, e as regatas, e os bailes publicos, e as marchas das escolas, e uma grande marcha civica — uma allegoria da propaganda, desde a utopia da Inconfidencia até a realidade do Quinze de Novembro, e os espectaculos publicos, de graça.

Atirava muito dinheiro fóra, é uma verdade; mas com festas ou sem festas, o dinheiro sóme-se. O *deficit* é pavoroso e entretanto não é em festas que o dinheiro se tem gasto. E, pelo menos, um resultado me ficaria, cuja vantagem absolutamente não é para desprezar.

Eu teria levado o povo á rua. Confesso que, festas da Abolição á parte — ainda o não vi na rua, esquecido de que é negociante, ou medico, ou empregado publico, ou bacharel; esquecido de tudo, para só se lembrar de que o dia é delle, povo, delle. só, todo delle, dia sagrado de uma commemoração nacional.

Prospero.

AROMATOGRAPHIA

Se alguma vez tentasse oh minha doce amada  
na téla desenhar teu nobre busto hebreu,  
não iria pedir, lencolico Dirceu,  
á neve, á planta, a flôr, a tinta dedicada.

A gazella medrosa, a pomba assetinada,  
O ebano, o coral e mesmo o azul do ceu,  
nada tinham que dar-me oh fouveiro escareeu,  
flamma alongada em lago onde a minh'alma nada.

Perfumes na palheta em vez de tintas pondo,  
derramára o benjoin no teu seio redondo,  
nos labios a ardente escalonia e, no olhar,

a magnolia que lembra o antartico mar.  
E a rajada do sul, impregnada d'aromas,  
pintava o turbilhão das tuas negras comas.

Manuel Duarte d'Almeida.

VIDA NOCTURNA

A *Gioconda*, de Ponchielli, e a *Lucia*, de Donizetti, confirmaram os creditos da companhia Sansone, tão bem estabelecidos pela *Aida*, de Verdi.

Muitas familias do intitulado *high-life* abstêm-se de comparecer aos espectaculos do Lyrico. Para suas excellencias a companhia tem um gravissimo defeito: é muita barata. As ricas *toilettes* do Raunier assentam mal em camarotes de 40\$000 réis...

Se o Sr. Sansone se tivesse lembrado de estabelecer dous preços, um para o *high-life* e outro para a arraia miuda, apanharia enchentes que nem o Frégoli!



No Recreio tivemos uma revista de Souza Bastos, fervida de infusão com outras duas do mesmo auctor, *Tim tim por tim* e *Fim de Seculo*.

Essa mistura não foi feita para o fino paladar dos leitores da *Cigarra*; mas os frequentadores do Recreio, esses regalam-se, e outra coisa não pretendeu o auctor-empresario escrevendo e pondo em scena a sua peça.

Durante a *première* encontrei um unico espectador discordante, que dizia:

— Tim tim por tim tim, prefiro o *Tim tim*, e fim fim por fim fim, prefiro o *Fim do Seculo*.

A Palmyra desempenha 24 papeis!



Desgostosa com isso, a Pepa retira-se temporariamente da arte e do Eden.

Por tanto, deixa de tomar parte na representação da magica *A Rainha dos gemos*, que vae succeder ao *Poço encantado*.

Para substituir a Pepa, foi contractada a Pepita.



D. Emilia Adelaide Pimentel annuncia para breve um drama prefaciado pelo sr. conselheiro Thomáz Ribeiro.

O prefacio naturalmente não póde ser representado; consta-nos, porém, que será lido aos espectadores, pelo actor Cardoso da Motta, antes de começar o 1º acto. Chamamos a attenção do publico para essa interessante novidade.



Não me parece que D. Emilia tenha uma fé extraordinaria na peça, nem esteja resolvida a continuar a sua obra de regeneração da arte dramatica, porquanto annuncia tambem uma revista com este convidativo titulo: *Amapá e Trindade*.

Dizem-nos que os principaes papeis estão assim distribuidos: *Trindade*, Emilia Adelaide,— *Amapá*, Flavio.



Do Apollo sahio a companhia internacional de variedades. Voltou á scena o *Gato Preto*, em que o tenor Mesquita continúa a cantar:

Ai, minha bella Florinda,  
Estou perdido de amores!  
O meu tormento não finda  
Emquanto minha não fores!

E o publico enche-se de compaixão pelo tenor Mesquita, vendo que a bella Florinda outra não é senão a Blanche Grau...



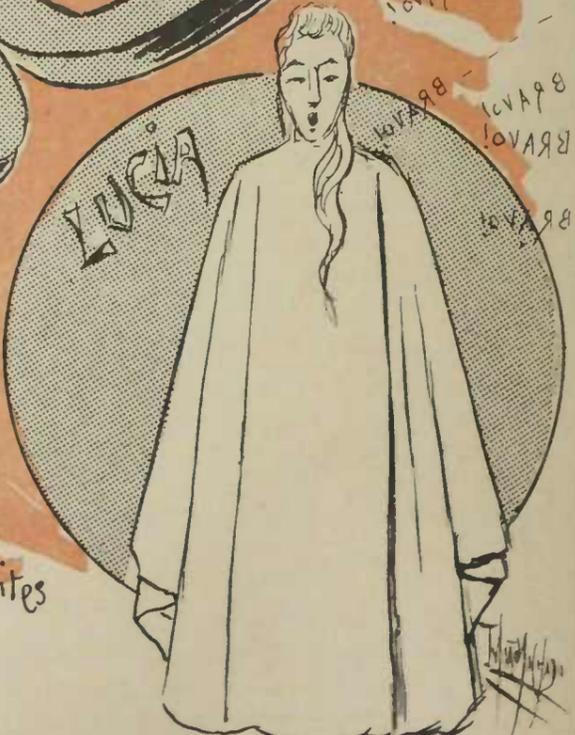
No S. Pedro o artilheiro Medeiros tem dado alguns tiros com peças velhas, entre as quaes *D. Iguês de Castro*, que é a *vovó* da bateria theatral.

Mas todos nós, graças á revolta, estamos tão fartos de tiros...

João Piloto.



PARA SE AVALIAR do exito obtido pela bella  
 companhia de Sansone basta saber-se que  
 apesar do calor asphixiante das ultimas noites  
 o LYRICO enche-se a cunha.



(--Se o delirio lhe dá para fazer a dan-  
 ça serpentina?)

